

## ESTAR EM CAMPO: NOTAS ETNOGRÁFICAS PARA UM ARTESANATO PANDÊMICO

**Mariana Amalia de Carvalho Castro e Silva<sup>1</sup>**  
mari\_amaliacs@hotmail.com

**RESUMO:** *Os movimentos sociais são organizações que se constroem historicamente, suas especificidades dialogam com as questões sociais e políticas da sociedade. Entre os anos de 2018 e 2019, pesquisei o Movimento Sem Teto do Centro na cidade de São Paulo. Durante meu trabalho de campo o movimento atravessou rupturas e processos de criminalização resultando em reações insurgentes. Tenho objetivo central de discutir o enfrentamento do pesquisador e seus interlocutores diante de processos de transformação. Estes afetam os sujeitos e hipóteses da pesquisa. Método e abordagem se inscrevem no campo diante de mudanças políticas e sociais imediatas como as que os integrantes do MSTC atravessaram. O movimento dos interlocutores, impulsionam abordagens subjetivas, estas são uma junção de adaptações e afetações do cientista social: Traduções de ações intuitivas constituídas entre teoria e prática.*  
**Palavras-chave:** *Artesanato intelectual. Movimento Sem Teto do Centro. Perspectiva antropológica. Movimentos sociais.*

**ABSTRACT:** *Social movements are organizations that are built historically, their specificities dialogue with the social and political issues of society. Between the years of 2018 and 2019, I researched the Center's Homeless Movement in the city of São Paulo. During my fieldwork, the movement went through ruptures and criminalization processes resulting in insurgent reactions. I have a central objective of discussing the confrontation of the researcher and his interlocutors in the face of transformation processes. These affect the research subjects and hypotheses. Method and approach are inscribed in the field in the face of immediate political and social changes such as those experienced by MSTC members. The movement of the interlocutors drives subjective approaches, these are a combination of adaptations and affects of the social scientist: Translations of intuitive actions constituted between theory and practice.*

**Keywords:** *Intellectual crafts. Movimento Sem Teto do Centro. Anthropological perspective. Social movements.*

## **APRESENTAÇÃO: IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA – UM GUIA**

Os movimentos sociais são organizações que se constroem historicamente, suas especificidades dialogam com as questões sociais e políticas da sociedade. Este processo é composto em uma troca subjetiva: entre sujeito e movimento, movimento e sociedade. Portanto, estes não são grupos homogêneos com estratégias engessadas. As reivindicações dos movimentos sociais têm como diretriz comum a universalização dos direitos políticos e sociais ou seriam “simplesmente criadores de comunidades auto referenciadas” (GOHN, 2008, p.14-15). Entre os anos de 2018 e 2019 em que elaborei minha dissertação “TRAJETÓRIA DE LUTA DAS MULHERES DO MSTC: construção da imaginação sociológica” (SILVA, 2020), conheci o Movimento Sem Teto do Centro – MSTC e sua luta pela moradia na cidade de São Paulo. Suas ações políticas transformam a biografia de seus integrantes e refletem mudanças nas estruturas sociais. Ao determinar a liderança Carmen Silva Ferreira, como uma das interlocutoras centrais de minha pesquisa, busquei “capturar” na biografia de Carmen elementos de transformação em contexto histórico e coletivo.

Ao pensar as ações do MSTC e de sua liderança Carmen Silva, tive como guia teórico central a obra “A imaginação sociológica” de Charles Wright Mills. Escrita em 1959 o texto é um compilado de conferências e ensaios escritos por Mills ao longo de sua carreira. As reflexões da obra eram direcionadas a estudantes e pesquisadores da área de ciências humanas e sociais. A proposta de Mills é um estímulo à reflexão dos processos de mudança política, econômica e social que as Ciências Sociais enfrentavam no período pós Segunda Guerra Mundial. Novos regimes políticos são estabelecidos, aliados a ampliação de fronteiras e o tecnicismo que incide o pensamento sociológico. Para Mills os sujeitos são socialmente construídos e agentes de manutenção ou transformação social, afinal se as ações sociais estruturam as performances dos sujeitos, eles a constituem e possuem possibilidades de modificá-las.

O primeiro fruto dessa imaginação – e a primeira lição da ciência social que a incorpora - é a ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tomando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. (MILLS. 1982, p.12).

Ao discutir “perturbações” e “questões” que estão além do âmbito individual, o autor estabelece um método teórico de análise, em que exercer a Imaginação sociológica, é uma prática de razão e liberdade ao pesquisador. Para Mills a “ciência social é um ofício artesanal”

(MILLS, 1982, p. 211), ao definir o artesanato intelectual, o autor apresenta uma série de procedimentos e técnicas, que podem auxiliar a elaboração de uma pesquisa com reflexão. A desnaturalização que a imaginação provoca é um meio de estabelecer novas percepções sociais, além da racionalidade moderna. Transpor a proposta teórica de Mills para o campo empírico seria um método para escapar da alienação social? Ela poderia ser utilizada como uma abordagem na observação dos sujeitos?

Os processos de transformação social dos sujeitos é um tema que sempre atraiu minhas observações de campo. Quais são as pulsões de mudança nas trajetórias individuais? A transformação que apresento está ligada aos processos de consciência e ação em sociedade. Em sua trajetória em qual momento o sujeito realiza o exercício de reflexão sobre as ações sociais que afetam suas vidas? Acredito que: compreender como os sujeitos se identificam, incorporam experiências vividas e atribuem a estas significados, é um caminho. Esta reflexão não é somente direcionada aos interlocutores de minha pesquisa. A trajetória do pesquisador e como este interpreta suas hipóteses, considero um interessante objeto de análise. Procurei identificar possíveis processos de imaginação e razão nas ações dos integrantes do movimento MSTC e refiz o mesmo caminho ao direcionar reflexões a meu trabalho: enquanto pesquisadora onde minhas experiências compõem as indagações e discussões da pesquisa proposta.

Quais práticas me levariam a uma análise da realidade social? O que seria motivo de questionamento em temas que já emergiam por décadas nas Ciências Sociais? A princípio, meu objetivo era compreender possíveis processos de Imaginação Sociológica, enquanto um exercício de reflexão dos sujeitos para uma prática da razão e liberdade. Decidir em quais espaços isso seria possível e quais sujeitos seriam analisados era o recorte decisivo do trabalho. Mills (1982) aponta que isolamento cotidiano como um dos fatores alienantes entre sujeito e sociedade. Onde encontrar sujeitos em processos de transformação? Comecei em busca de um ambiente não tradicional – onde a lógica racional não impera na totalidade do seu espaço de ação. Os sujeitos envolvidos neste trabalho pertencem a uma lógica social de constante mudanças e embates políticos, os relatos que deveriam ocorrer de forma tradicional não couberam a minha pesquisa, neste ponto aproximo o artesanato intelectual e a abordagem etnográfica a situação “pandêmica”.

Estamos enfrentando desde o final do ano de 2019 e em 2020 uma pandemia mundial, em que o isolamento social e uso de máscara é a principal proteção para todos os sujeitos circulantes em sociedade. Como estar em campo na situação em que a principal recomendação de saúde pública é o isolamento social? Ocorre que ao longo de toda a história do campo de pesquisa das Ciências Sociais, quem se propôs ir a campo enfrentou “percalços pandêmicos”. Trabalhamos com sujeitos diversos em situações imprevisíveis. Uma pesquisa possui um período de permanência, em que tudo pode ou não acontecer em campo. Hipóteses, premissas são transformados quando entramos em campo e nos relacionamos com nossos sujeitos, “mui-

to depende do pesquisador, da sociedade que ele estuda e das condições em que tem de fazê-lo (PRITCHARD, 2005, P. 243)”.

Acredito ser interessante a descrição do desenho de minha pesquisa com movimento MSTC e a liderança Carmen Silva que ocorreu em confluência com mudanças sociais e históricas que incidirem diretamente em suas trajetórias e na elaboração de meu trabalho. Não estabeleci, assim, como Mills, um objetivo engessado, ele não se sustentaria diante dos fatos que ocorrem, assim o guia essencial do trabalho são as percepções entre teoria, prática e imaginação.

## **ALCANÇAR O CAMPO: OCUPAÇÃO NOVE DE JULHO**

Em uma busca empírica, as técnicas da pesquisa se definiam em: conformidade aos objetivos do trabalho, em acordo com o campo e as demandas que ali foram apresentadas. Minha ida ao campo e contato com os sujeitos escapa a ótica tradicional de uma descrição de “materiais e métodos de trabalho”, os acontecimentos na pesquisa foram vividos em conjunto com os sujeitos, não tivemos um distanciamento histórico das ações coletivas, assim é a dinâmica que nos leva a uma tática de pesquisa, onde materiais e métodos foram modificados em acordo com o movimento e mudanças que vivenciamos.

Na madrugada do dia 1 de maio de 2018, ocorre um incêndio, seguido de um desmoronamento no Edifício Wilton Paes de Almeida na região central de São Paulo. A notícia da queda do Edifício Wilton foi noticiada nas principais mídias nacionais e internacionais, com destaque no site do jornal “Folha de São Paulo” encontra-se o título: “Prédio invadido desaba em incêndio no largo do Paissandu, centro de SP”<sup>2</sup>. O edifício construído em 1968 destinado a serviços públicos estava abandonado pelo poder público desde 2003. No incêndio em 2018 o prédio estava ocupado morando no edifício no momento do incêndio, sete faleceram, diversas ficaram feridas e sem-abrigo. No incêndio em 2018 o prédio estava ocupado irregularmente, sete moradores faleceram, diversas pessoas ficaram feridas e sem-abrigo. As lideranças da ocupação Wilton Paes, foram acusadas de extorsão, segundo denúncia era cobrada uma taxa dos moradores por um espaço de risco, que estava sem nenhum tipo de manutenção.

As informações que surgiram na época do desabamento na mídia tradicional em um caso de repercussão mundial, colocou em evidência todos os movimentos sociais de luta pela moradia na cidade de São Paulo. O poder público após um ano da queda do prédio Wilton, indiciou lideranças sociais pertencentes a outros movimentos sociais de moradia que não estavam envolvidas com a ocupação do Edifício Wilton Paes de Almeida. Em alternativa as in-

<sup>2</sup> Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/incendio-de-grandes-proporcoes-atinge-um-edificio-largo-do-paissandu.shtml>>. Acesso em: 25 de jun. 2018.

formações que circulavam e não davam voz aos movimentos, um grupo de ativistas aliados ao movimento social MSTC, realizou no dia 20 de maio de 2018, um evento paralelo a “Virada Cultural” da cidade de São Paulo, em uma de suas ocupações regularizadas, a Ocupação Nove de Julho localizada na região central da cidade de São Paulo. Fiquei sabendo do evento através de um dos organizadores e assim pela primeira vez fui a Ocupação Nove de Julho.

Meu contato com ocupações sempre foi a de quem está circulando, olhando as faixas. Confesso que a ida ao evento, era a oportunidade de conhecer um espaço desconhecido, onde um movimento social atuava, sabia que em espaços políticos encontraríamos sujeitos que lutavam por transformação social. Teria a chance de encontrar um campo para pesquisa. Quando cheguei na Ocupação Nove de Julho, fiquei impressionada com o espaço, registrei em meu diário de campo – prática que mantive ao longo de toda a pesquisa – as atividades que experienciei naquele dia.

Um show musical da cantora Ana Cañas e a exibição do filme “Era um Hotel Cambridge” da diretora Eliane Caffé, que estava presente para discussão do filme. Ali foi a primeira vez que vi Carmen Silva Ferreira, liderança fundamental do movimento MSTC. Carmen estava presente para discussão do filme, onde atuou, o longa havia sido feito em uma das antigas ocupações do MSTC, a “Ocupação Cambridge”. Como Carmen naquele momento estava sendo acusada em um processo criminal anterior, os integrantes do MSTC tinham a percepção de que as acusações do Edifício Wilton Paes poderiam ser direcionadas a todos os movimentos sociais que realizavam ocupações na cidade de São Paulo. O primeiro processo de Carmen ocorreu quando esta ocupava o antigo Hotel Cambridge. No dia que conhecia Carmen sua imagem estava exposta na mídia nacional, em vídeos gravados de forma oculta, ela discutia sobre a cobrança da taxa de manutenção na “Ocupação Cambridge”.

Assim a “Virada Cultural” na ocupação era a tentativa do movimento de estabelecer um diálogo com os moradores da cidade. A Ocupação Nove de Julho estava regularizada, suas condições eram de uma habitação segura. O MSTC é um movimento regulamentado, que registra todos os seus integrantes filiados. O que encontrei naquele dia foram famílias, trabalhadores, estudantes que não tinham condições de residirem nas áreas centrais da cidade. Durante o evento observei que, a composição do morar na Ocupação Nove de Julho era diferente.

Os discursos de Carmen e outros integrantes do MSTC, eram de denúncia às decisões do Estado perante o mercado imobiliário, que inviabilizava o acesso das pessoas as áreas centrais das cidades. Eram falas que reconheciam a potência de transformação política e social que o coletivo detinha. Os processos artísticos e políticos, eram difusos na luta social, decidi naquele dia meu campo de pesquisa. Na Ocupação Nove de Julho, ocorrem diversas atividades culturais. Oficinas são parte do cotidiano, a arte enquanto expressão de luta é uma potente tática cultural e política do MSTC. Na “Ocupação Nove de Julho” observei um exercício de imaginação



potencializado no coletivo. Iniciei minhas visitas e planejamento de como atuaria no campo, realizaria atividades para provocar alguns processos de reflexão? Trabalharia com entrevistas?

Todas as atividades que fossem desempenhadas na ocupação, deveriam passar por uma aprovação do movimento, o trabalho era avaliado no sentido de sua coerência com o movimento e em como a atividade poderia somar ao espaço. Com as questões: “Os sujeitos agem com razão e liberdade? Quais processos potencializam essas ações?”, estabeleci uma direção que me acompanhou até o processo de escrita. Marquei um encontro com Carmen Silva e apresentei meus objetivos de pesquisa. Conheci nesse dia outras lideranças e moradoras da Ocupação Nove de Julho. Foi difícil falar meus objetivos de forma explícita, havia ainda muitas dúvidas de como realizar minha pesquisa, como identificar um ato de imaginação? Analisando posteriormente meu percurso, percebo a confusão nos propósitos iniciais da pesquisa. O trabalho de campo aliado aos métodos teóricos estudados, foram um exercício de reflexão enquanto meu papel de pesquisadora diante do campo.

Conheci o prédio e suas estruturas, um grande pátio, muitas árvores, seus espaços administrativos e a cozinha, marcenaria, biblioteca com livros e brinquedos. Durante as visitas, frequentei todos os espaços de convivência comum, porém não entrei na casa dos moradores da Ocupação Nove de Julho. O objetivo da pesquisa era apurar processos de transformação e imaginação sociológica em conjunto aos ocupantes e com quem ali permanecia, os apartamentos em minha visão, eram seus espaços privados que o propósito do trabalho não cabia adentrar. Acredito que os moradores me acolheriam se fosse necessário, porém, nossa convivência nos espaços comuns foi o suficiente para minha observação participante.

Na dinâmica do cotidiano fui apresentada ao Paulo Santiago, um apoiador do movimento, envolvido com Museu da Cidade e as questões da região do Bixiga, bairro próximo à ocupação. O trabalho de Paulo era com as crianças da ocupação. Todas as atividades eram feitas com elas, confesso que não tinha experiência com crianças, em trabalhos anteriores realizei oficinas com adolescentes com propósitos diversos ao que me encontrava. Aceitei observar a dinâmica das crianças e elaborar atividades com elas no período das férias escolares de julho de 2018. Fui à ocupação e realizei algumas oficinas, esta prática era uma espécie de contribuição ao coletivo e uma oportunidade de ambientação com os sujeitos em suas dinâmicas sociais. Os temas foram diversos, sempre pensando em imaginação e sociologia, através de jogos, em uma prática interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, com parcerias com quem ali se voluntariava. Assim foram as atividades iniciais. Objetivo central das atividades era criar espaços de curiosidade e reflexão.

Ao final das atividades, circulava pelos espaços de convivência e conhecia os moradores. Na observação participativa, construímos um reconhecimento empático. O que, a princípio, é estranhamento, torna-se familiaridade, e as questões com a dinâmica são aprofundadas

na captura dos detalhes. Como são as crianças e os pais da ocupação? Observei muitas crianças e pais refugiados de outros Países, suas vivências familiares eram diferentes. Conheci histórias de pessoas que haviam perdido tudo que tinham em diversas situações, seja por questões ambientais ou de violência social. Muitos não conseguiam pagar aluguel ou tinham de permanecer em situações precárias e afastados da região central da cidade, onde a maior parte das vagas de emprego se encontram.

O diálogo com a necessidade de participação política que o movimento social exige de seus integrantes é delicado. Nos movimentos de moradia, o dilema entre direitos sociais e mercadoria aprofunda-se, afinal, a princípio, moradia está ligado a um bem econômico concreto, assim muitos procuram no início o movimento com essa percepção individual. Os sujeitos estão ali pela “necessidade” de morar, porém, a proposta do MSTC é que a moradia não se restrinja ao concreto, como Carmen diz “as paredes e um teto”. O ato de ocupar é um ato político e a formação que o movimento reivindica a seus integrantes têm como objetivo fundamental que estes não façam do ocupar um ato alienado, que este seja uma ação de luta e consciência.

Durante as observações, me socializava com todos os elementos da pesquisa, absorver as subjetividades do campo e seus interlocutores, é um processo de formação ao pesquisador, o “campo forma” e oferece “corpo” ao trabalho. Tive contato com o estatuto do movimento que organiza todas as suas ocupações. O viver coletivo nas ocupações do MSTC seguem regras importantes para a organização do espaço, não é criado ali um “ambiente” opressor, ao contrário, as decisões são feitas no coletivo e são cumpridas no estatuto. O imaginário social acerca das ocupações é de que são espaços marginalizados, desorganizados, que as pessoas que ali estão são criminosas, que não existem regras. Carmen revela em seus discursos os estigmas que os ocupantes enfrentam, estes confrontam a capitalização dos direitos sociais.

Manter o espaço limpo e organizado, com horários estabelecidos para entrar e sair, registros de quem está ali presente, não permitir o uso de drogas e nenhum tipo de violência, são regras de convivência que existem para preservação dos moradores. Estes vivenciam a invisibilidade social, onde as diferenças das estruturas e do poder que compõe a sociedade brasileira delega a estes sujeitos a exclusão social. Na ocupação Nove de Julho, cada andar do prédio tem um mediador, o prédio possui treze andares, os mediadores “cuidam” de cada andar, dão suporte aos moradores, mediam os conflitos, estes são eleitos em sistema de rodízio em que todos os moradores ocuparam por um determinado tempo esta função. Os mediadores realizam reuniões semanais para discussão de conflitos e formação política, a maior parte das mediadoras são mulheres, inclusive as lideranças dos movimentos de luta pela moradia na cidade de São Paulo em grande parte são de mulheres.

Observando as mulheres do MSTC na ocupação, início a percepção de que o reconhecimento biográfico proposto por Mills (1982) no ato de imaginar, não era apropriado apenas a

pesquisadores e cientistas sociais. Estes processos de razão e liberdade estavam presentes nas falas de Carmen e nas demais mulheres, que transformaram suas trajetórias ao entrarem no movimento social. O coletivo formado pelo MSTC, possui potência de imaginação e transformação em suas ações. Em minhas reflexões durante as visitas de campo, encontrei os objetivos que se tornaram posteriormente o norte da pesquisa: identificar as práticas de imaginação sociológica nas reflexões sociais que Carmen Silva realizava em processos de transformação de sua biografia e nas ações do movimento MSTC na Ocupação Nove de Julho.

## **ESCUA, TRAJETÓRIA E MOVIMENTO**

Como as mulheres lideranças do MSTC produzem conhecimento e modificam sua realidade? Foram as falas de Carmen Silva que iniciaram o direcionamento do trabalho. Além das oficinas, a ocupação realizava muitos eventos culturais. As rodas de debate, com temas diversos atraíam sujeitos que queriam conhecer o espaço. As rodas de debate eram compostas pelos frequentadores das ocupações do MSTC, os moradores da Ocupação Nove de Julho, visitantes e parceiros do movimento. Os integrantes do MSTC estão representados em todas as atividades.

Nos espaços de debate, em uma observação participante, pude notar o impacto de Carmen Silva em todos que ali estavam. Ela era sempre mencionada em depoimentos dos integrantes do MSTC e seus parceiros. Ela estava presente na mídia nacional em entrevistas e foi ela a primeira pessoa criminalizada no movimento<sup>3</sup>. As falas de Carmen, são construídas por situações anteriores e sequências a sua entrada no movimento, uma biografia pública de atuação transformadora. À medida que Carmen exercitava sua razão buscando mudanças, ela modificava as táticas de luta do movimento social, era uma relação dialógica, que acontecia em diversas esferas, não apenas política e econômica, ela estabelecia uma “nova cultura” no fazer político. Carmen é liderança política, atriz, escritora, planejadora urbana, ela utiliza suas relações e conhecimento em uma combinação ampla de luta política.

Quanto mais investigava a “identidade” do MSTC e suas frentes de luta diversas, compreendia a transformação biográfica de Carmen, e ao conhecê-la pude escutar uma trajetória de vida semelhante às diversas mulheres integrantes do movimento MSTC e de muitas brasileiras. As reflexões de Carmen interseccionam o conhecimento que ela adquire nos processos históricos que presenciou aliados à sua entrada no movimento social. Ao captar as falas públicas de Carmen, observei sua percepção do que aconteceu em sua trajetória em conformidade aos sig-

<sup>3</sup> Na ocasião foram divulgadas notícias na mídia tradicional brasileira acusando Carmen de extorsão. O movimento cobra uma taxa regulamentada dos moradores totalmente revertida para as melhorias dos prédios e para manutenção do local.



nificados que ela atribuía a suas mudanças, cada vez que ela realizava uma discussão algumas reflexões se repetiam outras se transformavam em acordo com o contexto que vivenciávamos. Os processos metodológicos iniciais desta pesquisa são de um conhecimento “implícito”, onde leituras e práticas anteriores ao trabalho, concedem ao pesquisador, uma postura “intuitiva”. A priori a observação é direcionada a formulação de questões primárias, não tive, inicialmente um objetivo único. A Imaginação sociológica que buscava identificar, estava presente em meus processos de reflexão enquanto observação e ação da pesquisadora em campo.

O trabalho inicial definido por Mills (1982) como “artesanato intelectual”, onde o trabalho do pesquisador é manual no sentido de atuação em construção. Nas ações de reflexão e conhecimento que estabelecemos com tema pesquisado, aprofundamos à medida que estabelecemos os elementos que envolvem os sujeitos pesquisados e dos interesses da pesquisa. Sendo possível, segundo Mills uma associação teórica com métodos e outros temas diversos. Esta proposta de contrapor objetivos e tema de pesquisa a trabalhos diversos, é um exercício de alteridade em que podemos “alcançar” rupturas e possibilidades a princípio não observadas em reflexões primárias, quando estamos no estágio inicial de pesquisa envoltos em levantamentos bibliográficos relacionados ao tema delineado. Em cada leitura que realizei, encontrei uma ligação com meu trabalho, essa amplitude nos leva em direções que não estavam pré-determinadas, porém, é um exercício “perigoso”, onde se corre o risco do objetivo norteador se escape nas inúmeras possibilidades observadas.

O artesanato intelectual é composto por uma série de técnicas de pesquisa em que reflexões impulsionam as motivações do pesquisador. A elaboração de um “arquivo de ideias”, num misto de caderno de campo e levantamento de diversos materiais teóricos, é a constituição de registros sobre: as experiências entre pesquisador e campo de trabalho, observados e observador. Foi em meu diário que iniciei por exemplo a ideia de identificar a Ocupação Nove de Julho como uma Zona Autônoma Temporária (2018), teoria elaborada pelo filósofo anarquista Hakim Bey, em que a definição efêmera da TAZ e suas possibilidades de insurreição aproximavam-se as ações coletivas do MSTC, como os almoços aos domingos e a diversidade de sujeitos que circulavam durante os eventos construindo espaços não demarcados dentro da dinâmica da cidade. Estes foram processos de imersão em questões estruturantes do trabalho.

É nos cadernos de campo que resgatamos detalhes esquecidos ou realizamos reflexões posteriores em acordo com novas leituras teóricas. Iniciei junto com as observações de campo e os registros, a busca por tudo que envolvia a Ocupação Nove de Julho e minha interlocutora Carmen Silva. Descobri a profunda ligação do MSTC com parcerias artísticas e urbanas. As ações em conjunto com artistas, pesquisadores, arquitetos, produtores culturais, engenheiros e agentes do poder público, produzem a dinâmica do movimento, as elaborações artísticas são potências de imaginação em novas formas de atuação política. A tática de luta do movimento extrapolava as lutas políticas tradicionais, para compreender a “produção interativa de

significados além das intenções” (ROSENTHAL, 2014, p. 22), busquei alternar a abordagem etnográfica de registro e observação de campo e as reflexões de autores com métodos teóricos subjetivos e sensíveis à ação política.

Racionalidade em oposição a razão e liberdade, são conceitos relevantes para compreensão da definição de Mills (1982) para a “Imaginação sociológica”. Quando nos utilizamos dos conceitos, enquanto método teórico no campo empírico da observação, estabelecemos categorias de análise e um recorte de elementos a serão capturados. A biografia é definida na leitura de Mills (1982), como trajetórias de vida, onde sujeitos combinam processos individuais e sociais, compondo sua “história”, uma combinação de perspectiva individual e ações coletivas. Uma biografia é passível de ser entendida em seus processos de mudança e transformação:

A vida do indivíduo não pode ser compreendida adequadamente sem referência as instituições dentro das quais sua biografia se desenrola. Pois esta biografia registra a aquisição, abandono, modificação e, de forma muito íntima, a passagem de um papel para outro. Para compreender a biografia de um indivíduo, devemos compreender a significação e o sentido dos papéis que desempenhou e desempenha; para compreendê-los, devemos compreender as instituições de que são parte. Mas a visão do homem como uma criatura social nos permite ir muito mais fundo do que a simples biografia externa, como sequência de papéis sociais. (MILLS, 1982, p. 175).

A crítica da racionalidade instituída na sociedade moderna de Mills (1982), está conectada a ideia de Estado burocrático e o tecnicismo presente nas reflexões das ciências humanas. Em oposição à racionalidade, estaria a busca pela razão, que o autor associa à liberdade. Para Mills a racionalidade estrutura as instituições e a produção do conhecimento moderno, assim mesmo os intelectuais estariam submetidos a processos burocráticos que cerceiam seu olhar onde “transcender por sua compreensão uma variedade de ambientes cotidianos, mas não ser capaz de modificar as forças estruturais de ação dentro e sobre esses ambientes” (MILLS, 2009, p. 89).

Definimos a racionalidade, enquanto a burocracia do Estado que não concede espaços de diálogo com os movimentos sociais e a sociedade, nas ações da mídia tradicional que busca constantemente definir um estereótipo, onde o fazer político se apresenta corrompido, clandestino, estelionatário. A racionalidade da sociedade pós-guerra criticada por Mills (1982), cria embates entre as ações coletivas e a lógica do Estado moderno, estes choques ampliam espaços de luta. Nos fragmentos da cegueira burocrática os embates insurgentes estabelecem espasmos de razão.

A distribuição em massa da cultura histórica pode não elevar o nível da sensi-

bilidade cultural, mas simplesmente banalizá-la e competir poderosamente com a oportunidade e inovação criadora. Um alto nível de racionalidade burocrática e de tecnologia não significa um alto nível de inteligência individual ou social. Da primeira não é possível deduzir a segunda. Pois a racionalidade social, tecnológica ou, burocrática não é meramente uma soma geral da vontade individual e da capacidade de raciocinar. (MILLS, 1982, p. 182).

A proposta de Mills da busca pela razão e liberdade, são proposições para o empírico, uma “brecha” para pensarmos em práticas de razão e liberdade. Em quais momentos os sujeitos são impulsionados ao exercício de reflexão e sistematização do pensamento desnaturalizado? Segundo a filósofa Hannah Arendt o espaço público é o lugar da ação:

Ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A ação e o discurso necessitam tanto da circunvizinhança de outros quanto a fabricação necessita da circunvizinhança da natureza [...]. A fabricação é circundada pelo mundo, e está em permanente contato com ele; a ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela (ARENDRT, 2009, p. 201).

Nos movimentos sociais, o fazer político é orgânico e traduzido em táticas de luta. É na ação do debate coletivo que as experiências dos sujeitos confluem entre si e estabelecem seus objetivos comuns. Compreender a trajetória de Carmen Silva como liderança social do movimento MSTC, é observar uma narrativa individual e coletiva em conjunto com as mudanças políticas e sociais do contexto nacional. Os movimentos sociais são grupos fluídos, como a biografia dos sujeitos, as mudanças históricas impactam em seu conjunto de práticas.

Os relatos de Carmen Silva, foram analisados nesta pesquisa através da abordagem da história de vida, um recurso que traz a subjetividade e liberdade ao narrador para revelar sua visão e significados das percepções sobre si e o coletivo, a sociedade e o momento histórico em que sua biografia está inscrita. Para a antropóloga Ecléa Bosi (1987) narrar é um ato sensível que confronta a racionalidade tecnicista.

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia, desmentem cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um Todo racional. (BOSI, 1987, p. 42).

Durante a narrativa o sujeito “revive” a experiência. A história de vida é imaginada e relembada, não apenas como fato ocorrido. Ao narrar revivemos emoções, acrescentamos detalhes, que podem ou não ter ocorrido, passado e presente se interpõe. Nas falas públicas de Carmen pude observar: Sua biografia, antes de entrar no movimento, situações precárias que vivenciou, como se envolveu no movimento social em busca de moradia, as transformações que passou junto com o movimento. Elaboraões sobre questões de habitação, movimentos sociais, políticas públicas, mulheres na política e planejamento urbano, são reflexões centrais que constroem e sistematizam sua formação política em diálogo com o coletivo.

Carmen Silva tem um acervo interessante de entrevistas registradas na mídia impressa, jornais eletrônicos e muitos vídeos disponíveis na plataforma YouTube. O movimento MSTC aliado a seus parceiros, também possui registros relevantes de suas atividades online. A produção artística representa a “entrada” do sensível e da imaginação na trajetória de Carmen. São eles um filme de ficção “Era um Hotel Cambridge” (2016) da diretoria Eliane Caffé, feito em conjunto com os integrantes do MSTC onde Carmen atua, uma experiência da “Residência artística Cambridge” onde foram realizadas produções artísticas envolvendo os ocupantes e posteriormente o papel que a arte assume na “Ocupação Nove de Julho” enquanto uma ampliação da rede de atuação do MSTC. O material coletado e analisado concedeu bases ao trabalho de campo e aos objetivos da pesquisa, porém, estava planejado entrevistas com algumas mulheres do MSTC e com Carmen Silva, com a escuta de seus relatos, através de perguntas livres sobre seus processos de transformação.

## **PERCALÇOS: PESQUISA EM MOVIMENTO**

Como relatei anteriormente quando conheci Carmen, esta passava por um processo criminal, anterior à queda do Edifício Wilton Paes. Neste primeiro processo Carmen foi absolvida em duas instâncias jurídicas. A primeira decisão favorável a Carmen saiu em janeiro de 2019 e depois em 14 de agosto de 2019. Em meio a esta situação ocorreu o acidente no Edifício Wilton, onde diversas lideranças dos movimentos de moradia foram novamente acusadas de extorsão, e Carmen foi uma delas.

No dia 24 de junho de 2019, uma operação do Departamento Estadual de Investigações Criminais do Estado de São Paulo (DEIC) pediu a prisão de 17 integrantes dos movimentos sociais de luta pela moradia da cidade de São Paulo, o juiz Marco Antônio Martins Vargas autorizou a execução de nove prisões temporárias. Os integrantes dos movimentos sociais não foram convocados para prestar depoimento sobre um possível envolvimento na queda do Edifício Wilton, eles foram acusados de extorsão e formação de quadrilha. Entre os nove mandados de prisão estava o de Carmen Silva e de dois dos seus filhos Preta Ferreira e Sidney Ferreira.

Neste momento Carmen passa a viver uma situação de clandestinidade, minha pesquisa de campo é alterada. Não posso perguntar por Carmen, a situação é delicada e traz lembranças que não vivenciei, da repressão de uma ditadura militar. Não se podia encontrar Carmen, parte de sua família estava presa, diversos pedidos de habeas corpus foram negados. Nunca tinha visto Sidney na Ocupação Nove de Julho, porém Preta Ferreira era uma forte presença. Junto de sua mãe, Preta atriz, cantora e ativista, abre o diálogo entre luta e arte na ocupação. Sua trajetória era um resultado de transformação entre coletivo e indivíduo. Em 24 de junho de 2019 Preta foi levada junto com Sidney e mais duas lideranças Edinalva Silva Pereira e Angélica dos Santos Lima ambas do movimento Moradia Para Todos.

Os materiais coletados no campo, aliado a tudo que existia sobre Carmen em acervos de vídeos e entrevistas se tornaram o centro dessa pesquisa. O trabalho “Alma de bronze” da artista Virginia Medeiros durante sua participação na “Residência artística Cambridge” guiou as percepções do diálogo entre Carmen e as mulheres do MSTC, junto da obra literária “A ocupação” do escritor Julián Fuks lançada no final de 2019 que junto de Virginia integrou a residência artística. Permaneci frequentando a ocupação, os eventos culturais e os debates políticos se intensificaram. O MSTC fortaleceu abertura da ocupação ao público, era necessário que as pessoas pudessem estar ali e reconhecer o espaço, o movimento e as narrativas sobre as ações criminais que enfrentavam. As figuras ausentes de Carmen e Preta são reelaboradas em uma simbologia de resistência. Aparecem em camisetas, grafites na Nove de Julho, no livro de Fuks e nas falas das mulheres do MSTC.

No dia 20 de novembro de 2019, após finalmente ter seu habeas corpus concedido, Carmen está livre e lança seu cordel “Cem dias de exílio” (2019) pela editora N-1, onde ela relata o que aconteceu quando sua prisão foi decretada e como vivenciou seu período de exílio, assim utilizo a narrativa de Carmen para abordar ao final de meu trabalho o processo de criminalização que Carmen e seus filhos atravessaram. Neste ponto Carmen inicia uma série de participações em eventos públicos, muitos querem escutar sua história e ela retoma sua agenda pública. Todos os envolvidos no processo incluindo Carmen, não podem mais frequentar a Ocupação Nove de Julho e possuem horários restritos de saída. O controle ainda é intenso sobre suas ações, Carmen novamente está “afastada” do seu coletivo. Passo a acompanhar todas as falas públicas que tenho acesso. Noto algumas mudanças no discurso de Carmen, a reafirmação de que não calaram sua voz e que “todos possuímos uma mesma origem”.

No momento em que essa dinâmica se altera, outras questões surgem a pesquisa. O discurso de Carmen é porta-voz do movimento MSTC? Esta posição a define enquanto intelectual política, produtora de um discurso que remeta a um projeto político cultural para seu grupo. Reconheço que a escuta das falas, as entrevistas midiáticas e os materiais artísticos analisados, representam uma “parte” da totalidade dos sujeitos participantes, não é possível ter exatidão



nos sentimentos, sensações ou lembranças durante a escuta. Para o narrador, as experiências se misturam, são esquecidas ou ressignificadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos desta pesquisa possuem uma considerável produção de documentos para análise, com discursos e produções culturais públicas, esta pesquisa não ficou presa ao campo físico, a permanência aconteceu em todos os meios acessíveis. A pesquisa se constituiu em uma exploração transversal, em que categorias presentes nas histórias de vida, se interseccionaram e promoveram o debate entre as estruturas sociais e práticas realizadas por Carmen e os demais sujeitos.

O processo de identificação da reflexão e despertar da consciência num ato imaginativo, é um trabalho interdisciplinar. A pesquisadora bricoleur, une método e técnica onde elementos individuais da imaginação capturada, revela traços da estrutura social e fragmentos de mudança. Escutar Carmen é observar a sociedade e seus processos históricos em um recorte temporal. Constatei que a formação política e histórica do movimento MSTC se intersecciona a biografia de Carmen Silva. As ações de Carmen e a de seus parceiros impulsionam o MSTC. As definições sociais sobre o MSTC atribuem significados as trajetórias de todos seus componentes.

Apresentar “pulsões de mudanças” insurgentes, em ações de embates políticos e simbólicos em movimentos de transformação social, foi o objetivo principal de minha pesquisa. Acredito que Mills ao refletir a urgência da “Imaginação sociológica” diante dos processos de racionalização, procurava lançar questões que atravessam nossa atualidade. As práticas do MSTC e Carmen Silva traçam planos além do que os controles difusos podem “ver”.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 2a ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

ERA o Hotel Cambridge. Direção de Eliane Caffé. São Paulo: VITRINE FILMES, 2016. (99 min).

FERREIRA, Carmen da Silva. A terra prometida (Cordel), São Paulo, N-1 Edições, 2019.

\_\_\_\_\_. Cem dias de exílio (Cordel), São Paulo, N-1 Edições, 2019.

FUKS, Julian. A Ocupação. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOHN, Maria da Glória. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

JORNALISTAS LIVRES, 31 janeiro 2019. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/dona-carmem-da-luta-por-moradia-e-absolvida-de-acusacao-injusta/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

MILLS, Charles Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

“QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO”. Autora Virginia Medeiros. Videoinstalação (2018), composta por 12 vídeos que apresentam os depoimentos de mulheres do movimento MSTC. Disponível em: <<https://vimeo.com/virginiamedeiros>>.

SILVA, M. A. C. C. Trajetória de luta das mulheres do MSTC: construção da imaginação sociológica. 2020. 162 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.